

O CORPO ORGÂNICO É UM OBJETO CIENTÍFICO UNICAMENTE BIOLÓGICO? ABORDAGEM GENEALÓGICA PARA O ESTUDO E A ANÁLISE DOS CORPOS

IS THE ORGANIC BODY A SCIENTIFIC OBJECT ALL BIOLOGICAL? GENEALOGICAL APPROACH TO THE STUDY AND ANALYSIS OF THE BODIES

¿ES EL CUERPO ORGÁNICO UN OBJETO CIENTÍFICO SÓLO BIOLÓGICO? ENFOQUE GENEALÓGICO DEL ESTUDIO Y ANÁLISIS DE LOS CUERPOS

Fulvio Cesar Garcia-Severino¹

Resumo

Neste artigo, questiono a apropriação do corpo biológico como objeto científico e padrão de inteligibilidade para as diversas experiências corpóreas dos sujeitos. Por meio de pesquisa genealógica que desenvolvi no estudo do qual este texto derivou, analisei artigos publicados nos séculos XVIII e XIX para compreender como o corpo orgânico foi produzido cientificamente, sobretudo pela Fisiologia e pela Anatomia. Destaco aqui os embates científicos, políticos, econômicos e sociais que, apagados da história linearizada da ciência, surgem como componentes importantes para que diversos corpos considerados abjetos tenham possibilidade de futuro. Também apresento duas discussões atuais (os casos da Covid-19 e do TDAH), que, agregando conhecimentos não biológicos (de áreas das Ciências Humanas), trazem oportunidade de rompimento com a biologização dos corpos e de suas experiências.

Palavras-chave: Biopolítica; Corpo; Pesquisa Genealógica; Fisiologia; Anatomia.

Abstract

This paper questions the appropriation of the biological body as a scientific object and a standard of intelligibility for the different bodily experiences. Through genealogical research, it has analyzed texts from the 18th and 19th centuries to understand how the organic body was scientifically produced, mainly by Physiology and Anatomy. Erased from the linearized history of science, the scientific, political, economic, and social struggles stand out and emerge as substantial components so that many bodies considered abject have the possibility of a future. Plus, the case of covid-19 and ADHD will be presented in two discussions that, by adding non-biological knowledge (from the areas of Human Sciences), they bring possibilities of breaking with the "biologization" of bodies and their experiences.

Keywords: Biopolitics; Body; Genealogical Research; Physiology; Anatomy.

¹ Doutor em Educação - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, SP - Brasil. Professor-orientador - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, SP - Brasil. E-mail: fulviossgar@gmail.com

Resumen

Este artículo cuestiona la apropiación del cuerpo biológico como objeto científico y patrón de inteligibilidad para las diferentes experiencias corporales. A través de la investigación genealógica, fueron analizados textos de los siglos XVIII y XIX para comprender cómo se producía científicamente el cuerpo orgánico, especialmente por la Fisiología y la Anatomía. Se destacan los choques científicos, políticos, económicos y sociales que, borrados de la historia linealizada de la ciencia, emergen como componentes importantes para que diversos cuerpos considerados abyectos tengan la posibilidad de futuro. También se presentan dos discusiones actuales (el caso del covid-19 y del TDAH), que, al sumar conocimientos no biológicos (desde las Ciencias Humanas), traen posibilidades de romper con la biologización de los cuerpos y sus vivencias.

Palabras clave: Biopolítica; Cuerpo; Investigación Genealógica; Fisiología; Anatomía.

Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro.

Donna Haraway

1. Introdução

Início o artigo com a reflexão de Donna Haraway (1995), que, não obstante ter sido enunciada há quase 30 anos, mantém-se atual, sobretudo depois do enfrentamento da pandemia do coronavírus (Sars-Cov-2/Covid-19). Embora possivelmente sob controle, essa pandemia causou uma crise sanitária sem precedentes, e ainda não temos ideia de suas consequências sociais, orgânicas e psíquicas.

Haraway (1995) discute a relação entre os saberes científicos e os sujeitados. Os primeiros representam o poder dos que “veem sem ser vistos” (p. 18), enquanto os segundos representam todos os corpos marcados, que delegam o poder aos primeiros pelo fato de serem apenas vistos e detalhados. Todas as tecnologias científicas de visualização, detalhamento e controle representariam o “truque de deus”² da ciência (branca, masculinista, heteronormativa) que “fode com o mundo para criar tecnomonstros” (p. 19) numa ideologia de visão tecnológica direta, devoradora, generativa e irrestrita; assim, “todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações do que chamamos corpo e mente” (p. 21).

Minha proposta neste artigo, um recorte da pesquisa finalizada de doutorado, é discutir o corpo a partir de uma perspectiva genealógica e fazer reflexões que possam implicar novas formas de abordagem de ensino que pensem os corpos inseridos no seu “ambiente natural”, de

² Donna Haraway sempre usa “deus” com letra minúscula.

modo que não apenas os aspectos biológicos sejam considerados, mas também os outros aspectos que tornam antrópico o nosso “habitat”, que é menos “natural” do que cultural.

O estudo genealógico permite olhar para a história rompendo a linearidade e a padronização das descrições e das explicações. Trata-se de fazer aparecer os discursos que ficaram à margem, uma vez que importa o embate entre estes e aquelas. A genealogia busca os regimes de verdade que produzem o objeto científico, e está menos interessada na investigação dos significados dos discursos do que nas práticas que lhe deram tais significados, as quais Foucault nomeia *positividades*. O corpo, segundo o pensamento foucaultiano, não é uma realidade material dada, mas sim efeito material, produto de técnicas. Sem pretensão de descaracterizar o objeto científico, a genealogia visa tornar menos invisíveis suas positividades. O estudo genealógico tem como base os discursos, cujo funcionamento é compreendido “em função não das regras de formação dos conceitos, mas dos objetivos, das estratégias a que [o discurso] obedece e das programações de ação política que sugere” (FOUCAULT, 2008a, p. 48).

Foucault (2008b) constrói a ideia de genealogia como a determinação de um regime de verdade. Não se busca a verdade como “coisa em si”, mas sim suas condições de possibilidade; trata-se de compreender os regimes do saber e as vontades de verdade por meio de seus discursos: são eles que dão materialidade e realidade ao objeto. O discurso é acontecimento e reverberação de verdades, que, ao mesmo tempo, conduzem a própria ordem do discurso (FOUCAULT, 2014). Maingueneau (2008, p. 32), apoiado pelo pensamento foucaultiano, afirma que “o discurso não é um dado, mas surge sustentado por um conjunto de práticas obscuras que o configuram e o fazem circular segundo trajetórias que se confundem com múltiplos modos de existência”, os quais são simultaneamente eco e suporte dos discursos. Ou, como resume Gastón Bachelard (1996) ao trazer essa discussão para a ciência, o objeto científico é bem menos dado do que resultado de elaborações teóricas e experimentais.

Neste artigo, não falo do Ensino de Biologia em sua concepção mais ortodoxa. Trago mais pontualmente elementos para repensarmos os currículos, as aulas e as dinâmicas escolares por meio do entendimento dos corpos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9.394/1996), a instituição escolar brasileira é fundada nos princípios de uma educação democrática (BRASIL, 1996). Entretanto, segue a lógica da padronização a partir de critérios formais como avaliações, currículos ou práticas pedagógicas, não priorizando a inclusão das diferenças culturais em suas práticas, conteúdos e rotinas (VENCATO, 2014). Como uma instituição social, a escola está imersa em um contexto sócio-histórico, com o qual mantém diálogo em suas atividades cotidianas. Esse cenário apresenta uma contradição interna à sua atuação: “não é fácil que uma instituição criada para padronizar e dar unidade a indivíduos por vezes muito diferentes se torne democrática e aberta às diferenças” (VENCATO, 2014, p. 23). A conjuntura escolar, nesse contexto, tende a materializar processos discriminatórios que silenciam as potencialidades das

diversas corporeidades, subordinando-as e naturalizando-as como anormais ao mesmo tempo que se prega uma suposta neutralidade, cujo efeito é a invisibilização das diferenças: os sujeitos e suas vivências são subalternizados pela comparação fundamentada em pares antitéticos como bom/ruim, belo/feio, normal/anormal (SILVÉRIO *et al.*, 2014).

Louro (2015) afirma que a escola sempre exerceu uma função distintiva dos sujeitos, separando, de saída, aqueles que têm acesso dos que não têm e, depois, por meio de diversos dispositivos internos, os melhores dos piores, os meninos das meninas, os menores dos maiores, os ricos dos pobres, produzindo, assim, desigualdades. Com o tempo, tais distinções se tornam tão naturalizadas que passam a não ser mais notadas:

Observamos, então, que eles [os meninos] parecem “precisar” de mais espaço que elas [as meninas], parecem preferir “naturalmente” as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de “invadir” os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. [...] Talvez também pareça “natural” que algumas crianças possam usufruir de tempo livre, enquanto que outras tenham de trabalhar após o horário escolar; que algumas devam “poupar”, enquanto outras tenham o direito de “matar” o tempo (LOURO, 2015, p. 64).

É nesse sentido que tensiono neste texto o currículo das Ciências Biológicas: as questões de desigualdade e opressão não serão superadas simplesmente incluindo diversos temas nos programas escolares, que já se encontram superpovoados de conteúdos e identidades, *mas sim provocando a discussão, desestabilizando discursos, mudando as perguntas e os questionamentos (já tão carregados de uma lógica opressora)*. Aqui, busco especialmente contribuir para essa função educativa.

A pesquisa de doutorado que desenvolvi ocorreu no período pós-golpe de 2016 e se estendeu até 2022, passando por dois acontecimentos que tiveram sérios impactos no Ensino de Biologia: a pandemia de Covid-19 e, durante o governo do inominável, as perseguições sofridas por professores e professoras de Biologia ao tratarem de temas considerados pânticos morais como as sexualidades. Após esse retrocesso, é importante que retomemos essas discussões, de forma a permitir, como dizia Donna Haraway, que diversos corpos tenham possibilidade de existência hoje e no futuro.

2. A pesquisa genealógica

No estudo que fundamenta este texto, analisei artigos científicos³ publicados entre 1700 e 1900 sobre Fisiologia e Anatomia Humanas nos quais o corpo foi objeto de investigação. Como meu objetivo aqui é compreender a construção do que conhecemos como “corpo orgânico”, busco, por meio da análise genealógica do discurso, explicitar as condições de possibilidade que criaram esse objeto de pesquisa preponderante da Anatomia e da Fisiologia (não sem intersecção com outras disciplinas das Ciências Biológicas), ou seja, seus regimes de saber, e ainda suas vontades de verdade. Também convido para a discussão – não como referenciais teóricos, mas na condição de dados genealógicos – alguns autores do século XIX importantes para o conhecimento biológico atual, como Claude Bernard, Georges Cuvier, Charles Darwin e Thomas Malthus.

O resultado teórico do estudo é o que denomino *razão eucórpica*. Antes de apresentar os dados da pesquisa genealógica que motivaram essa elaboração teórica, explico a que se refere esse termo. A razão eucórpica é um tipo de racionalidade (ou sistema de pensamento) que concebe o corpo como uma máquina econômica e sexualmente eficiente. Trata-se de uma elaboração conceitual a partir do que Foucault (2014a) chamou *corpo anátomo-metafísico* (um corpo compreendido anatomicamente, mas que é metafísico porque está além da realidade material – os corpos – que ele deveria representar); na racionalidade eucórpica, é esse corpo que serve de parâmetro de inteligibilidade para compreender, avaliar e reabilitar os corpos que vivem no mundo, os *corpos anátomo-políticos* – segundo Foucault (2014a), os corpos sujeitados.

Embora essas duas categorias concebidas pelo autor auxiliem a compreensão inicial dos corpos, distancio-me delas porque, diferentemente de Foucault (2007), não defendo que o corpo, como objeto de investigação científica, tenha nascido no século XIX. O corpo já existia como esse objeto, e o que nasce no referido período é o *eucorpo*.

O prefixo *eu-*, em linguagem biológica, tem significado de verdadeiro; o nome *eucorpo* (corpo verdadeiro) é irônico, tratando desse objeto que as Ciências Biomédicas produziram e que serve de padrão de eficiência, cujas funcionalidades estão descritas por cálculos de seus processos químicos e físicos: o que é a Fisiologia senão essencialmente a ciência desses cálculos? O *eucorpo*, em sua anátomo-fisiologia, é um corpo extremamente mecânico e cibernético, e a inteligibilidade que promove foi efeito de sua necessidade de conciliar eficiência biológica e econômica com os ideais de bom, belo e sadio.

³ Na tese de doutorado, analisei 29 artigos (Cf. GARCIA-SEVERINO, 2022). No entanto, como este texto é um recorte do trabalho, não citarei todos eles.

Importante ressaltar que esse “corpo verdadeiro” é metafísico, ou seja, está além da realidade material que pretende representar – os corpos. Não obstante, simbolicamente, está mais próximo do corpo do homem branco, cis-heterossexual, cristão, europeu. Não coincidentemente, os corpos que habitam os livros didáticos têm essas características: são predominantemente brancos e, sobretudo, cis-heterossexuais. A distinção entre esse “corpo verdadeiro” e os corpos que vivem no mundo fica sintomaticamente evidente na fala de uma professora, que, durante o grupo focal da pesquisa, quando perguntei o que era o corpo e qual a concepção das professoras⁴ sobre ele, diz:

Eu só vi o corpo de verdade quando eu [es]tava dando aula e levei eles [estudantes] pro laboratório de anatomia [da UFSCar]⁵. Então, pra mim e pra eles, foi a primeira vez [que vimos o corpo de verdade].

Aquele corpo das aulas de Anatomia, ou melhor, as partes dele (as peças anatômicas), tinham mais verdade sobre o corpo do que o próprio corpo da professora e de suas alunas e alunos – corpos estes que vivem, sentem, experimentam. Não era o corpo que ela nunca havia visto, *era o eucorpo*, aquele de que ela fala nas suas aulas. Esse acontecimento vai ao encontro do que Tomás Tadeu da Silva (2011) e Sandra Corazza (2002) percebem. O primeiro afirma que o currículo é resultado de uma seleção de conhecimentos e saberes que atua sobre quem o segue, sendo previamente estabelecido, de modo que não produz diálogo e, portanto, tem uma comunicação unidirecional; é a autoridade do currículo que propaga esse “corpo verdadeiro” em detrimento das subjetividades e experiências de todos os outros que habitam o mundo. A segunda diz que o currículo é ameaçador, perseguidor e acusador, além de repleto de poder, cuja autoridade distingue aqueles com “propriedades demoníacas” (pobres, indígenas, homossexuais, disformes, vadios, negros, mulheres etc.) do, nas minhas palavras, eucorpo – que é incessante, repetida e constantemente representado como padrão de inteligibilidade. Essa repetição tem poder reificador do eucorpo.

Um efeito disso é o que a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) denuncia: mulheres negras sofrem mais violência obstétrica do que mulheres brancas (FLAESCHEN, 2020; LEAL *et al.*, 2017). Não é apenas a formação em Medicina que se pauta no eucorpo como padrão; médicos e médicas foram também formados, por cerca de 12 anos, no ensino fundamental e médio, pelas aulas de Ciências e de Biologia que tiveram o eucorpo sempre como

⁴ Usei professoras (no feminino) porque a pesquisa contou com três professoras e um professor de ensino médio (elas de escolas públicas da rede estadual e ele de escola particular, na cidade de São Carlos-SP). A pesquisa de doutorado foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP-UFSCar), da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP): CAAE 88174018.1.0000.5504.

⁵ O Laboratório de Anatomia da UFSCar tem um projeto de extensão que leva alunos de escolas públicas a uma visita orientada ao laboratório.

referencial. O mesmo acontece com biólogos e biólogas, responsáveis por ensinar os conteúdos dessas disciplinas.

2.1 O corpo analisado genealogicamente

Em *O Banquete*⁶, Platão apresenta o discurso do médico Erixímaco, que diferenciava os corpos sãos dos doentios. Doentios eram aqueles que não cediam aos intemperantes; a arte médica, com os nomes *ιάτρική, ιατρικής, ιατρικόν (iatroké)*, nada poderia fazer com eles para torná-los sãos, sendo capaz apenas de diferenciá-los. A arte de curar significava gratificar os corpos eróticos (os íntegros e sadios). A saúde era a posse do deus Eros produzindo o corpo erótico (*σώματος ερωτικων – somatos erotikon*). Para a diferença entre o sadio e o doente, as palavras usuais eram *κακός* e *άγαθοῖς – kakós/ágathos*. Segundo Nietzsche (1998), a primeira traz a ideia de mau e feio e está em oposição à segunda, bom, também compreendida na relação entre plebeu e nobre.

No discurso de Erixímaco, a palavra *άγαθοῖς – ágathos* é usada juntamente com *καλόν (kalón – honesto)*. Outras duas palavras destacam a relação entre os corpos doentios: *άκολάοις (ákoláois)* e *αίσχρόν (aiskhrón)*, que, respectivamente, significam intemperança/indisciplina e fraco psíquica e moralmente. Canguilhem (2009) atribui à atuação e à autoridade da Medicina o nome *iatrocracia* (poder médico), que talvez nada mais seja do que a arte de diferenciar o bom, o belo e o sadio (que também são nobres e honestos) do seu oposto. Esse corpo erótico (bom, bonito, sadio, forte, honesto e nobre) transformou-se, na modernidade, em eucorpo.

Além do eucorpo, outro objeto (e, com efeito, também produto) de investigação científica surge no século XIX: o homem. É também no século XIX que esse objeto precisa se constituir tanto como sujeito à pesquisa (sujeitado às investigações) quanto como sujeito da pesquisa (o pesquisador). Uma das problemáticas desse contraste é enunciada pelo médico psiquiatra martinicano Frantz Fanon (2008, p. 145): “nas suas pesquisas, os anatomistas nunca trata[ra]m de si próprios, mas dos outros”. O homem como objeto de pesquisa que surge no século XIX é inserido epistemológica e tecnicamente dentro do conhecimento já produzido pela Anatomia e pela Fisiologia.

⁶ Publicada em 2017, a edição de Platão que me serviu de referência é bilíngue. A relação estabelecida entre as palavras em grego e em português foi analisada a partir da busca, em diversos dicionários de grego-português (BEEKS, 2010; DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS, 2007, 2008, 2009, 2010; COLLECTIONS DES UNIVERSITÉS DE FRANCE, 2003), de livros que discutem as concepções de Platão em relação a alguns termos e de outros textos que também os debatem, a exemplo de Nietzsche e Hanna Arendt. Algumas dúvidas foram sanadas com pessoas que conhecem o grego.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.987

A Figura 1a apresenta a famosa pintura de Rembrandt (1636) nomeada *Lição de anatomia do médico Nicolaes Tulp*. É justamente no século XVII que surgem os teatros anatômicos com dissecações públicas, os quais eram menos eventos científicos do que políticos – a dissecação era uma forma de punição imposta aos espíritos e aos corpos dos “criminosos” (ROSLER; YOUNG, 2011). Inseridos no Realismo europeu, esses teatros interseccionavam arte e ciência; enquanto a primeira tensionava o real e o ideal, a segunda revigorava o ideal naquilo que forjava como real. Eram também o palco onde uma burguesia opulenta tentava ascender socialmente:

A grande burguesia liberal estabelecida e bem endinheirada pagava o que fosse preciso aos seus artistas para ser perpetuada no futuro, por meio destes trabalhos [pinturas, como a de Rembrandt], fazendo intervir, com toda a pompa e ostentação, a imagem e [as] roupagens que o seu poder igualmente inspirava (NABAIS, 2009, p. 289).

Figura 1: Tela *Lição de anatomia do médico Nicolaes Tulp*, Rembrandt, 1636, e Imagem de Andrea Vesalius estampada na primeira edição da *Fabrica*, de 1543



Fonte: (a) <https://www.mauritshuis.nl>, acesso dezembro/2021; (b) CHIARELLO, 2011.

Dois personagens são reconhecidos na tela de Rembrandt: o médico Nicolaes Tulp, diferenciado pelas roupas e pela posição de autoridade de quem conduz a dissecação, e o cadáver Aris Kindt, condenado ao enforcamento por assalto à mão armada. Os demais são estudantes de medicina ou membros da burguesia que pagavam para ser eternizados na tela. Esse quadro apresenta algumas peculiaridades intrigantes. De saída, destaco que ele foi encomendado pela Associação de Cirurgiões de Amsterdã e pintado na sala de conferência. A tela retrata a dissecação do músculo extensor superficial dos dedos e tem duas estranhezas. A primeira é anatômica: a origem do músculo está no epicôndilo lateral, quando o correto seria no epicôndilo medial; a dissecação desse músculo já havia sido retratada por Vesalius, em 1543,

no seu *De Humanis Corporis Fabrica* [Das estruturas do corpo humano] (Figura 1b) – livro retratado na tela de Rembrandt, aos pés do cadáver, como importante referencial para a dissecação na época. A segunda é metodológica: como as vísceras sofrem decomposição mais rápida, as dissecações iniciavam-se pelo abdome, depois pelo crânio e finalizavam-se pelos membros⁷.

Há uma distinção, pelo menos já no século XVII, entre os corpos que importavam e os que não importavam; os corpos que podiam ser utilizados e os que utilizavam os corpos utilizáveis. Ao corpo (cadáver) era outorgado o “privilégio” de ser “interrogado” pelo médico com indiferença a qualquer outro aspecto (da alma, do social, das emoções, dos afetos e de “um *largo et cetera*”) que não o biológico (ROSLER; YOUNG, 2011, p. 540). No entanto, o que se revela é que todos esses aspectos considerados “negligenciados” pelos autores já haviam sido considerados de antemão para determinar quem e que corpos serviriam ao propósito da dissecação.

É prerrogativa da figura do médico, pela sua autoridade de conhecimento, a autópsia de um ser humano. No entanto, em 1817, quem ficou responsável pela autópsia de Saartjie Baartman, a Vênus Hottentote, foi Georges Cuvier, famoso naturalista e zoólogo, pesquisador da Anatomia Comparada. A autópsia foi publicada em 1817, no tomo terceiro das *Memoires du Muséum d’Histoire Naturelle*, sob o título *Extrait D’observations. Faites sur le Cadavre d’une Femme connue à Paris et à Londres sous le nom de Vénus Hottentote*⁸. Depois de descrever em dez páginas a “história natural” dos Hottentotes sob uma ótica que poderia ser considerada antropológica – se não tivesse sido escrita por um zoólogo da Anatomia Comparada –, Cuvier passa a fazer, nas nove páginas seguintes, uma descrição anatômica das características morfológicas internas e externas de Saartjie Baartman. É nitidamente menos uma autópsia do que um trabalho zoológico que evidenciava o humano (branco europeu) pela enunciação da animalidade; com efeito, enunciava-se também o que não era eucorpo. Sobre a autópsia, quase ao final do artigo, ele expõe suas conclusões:

Também acredito que o forame magno é proporcionalmente maior do que em outras cabeças humanas. De acordo com a regra conhecida do Sr. Soemmening, *isso ainda seria um sinal de inferioridade* (CUVIER, 1817, p. 271, grifo e tradução meus).

⁷ Cf. tela *Lição de anatomia do médico Joan Deyman*, Rembrandt, 1656.

⁸ Em tradução minha: Extrato de observações. Realizadas no cadáver de uma mulher conhecida em Paris e em Londres por Vênus Hottentote.

O uso de “isso ainda seria” marca um nítido pensamento evolutivo que se iniciou em Lamarck e que, com Darwin, acentuou a tensão entre animal e humano. O pensamento darwiniano permitia conceber o humano como a evolução do animal; mas como diferenciar os mais distantes evolutivamente da animalidade daqueles mais próximos? Um conjunto de conhecimentos já havia sido produzido, e o corpo já existia como objeto científico inundado de conhecimentos anatômicos e fisiológicos, servindo de palco para essas disputas epistemológicas. Embora a lacuna evolutiva deixada por Darwin sobre a hereditariedade filogenética tenha sido resolvida com a Genética, quando o fenótipo passa a ser explicado pelo genótipo, são a Anatomia e a Fisiologia que doravante a preenchem bem.

Efeitos dessas disputas são as produções científicas com nítidas inclinações eugenistas, como é o engodo (e o embuste) da frenologia (no final do século XIX) e do darwinismo social (no começo do XX). Lembremo-nos de que, desde o século XVII, Locke e Hobbes propuseram explicações e justificativas para a escravização negra, fosse uma instituição aceitável ou a luta natural de todos contra todos. É no século XIX que as forças abolicionistas começaram e as tensões aumentaram. Caberia aqui questionar se a Teoria da Seleção Natural de Darwin não teria um aspecto hobbesiano. Sabe-se que Darwin foi um leitor de Thomas Malthus e que suas ideias o influenciaram bastante. Malthus estava, no século XIX, tentando resolver um problema que assolava a Europa, pelo menos, desde o século XVII: a escassez de alimentos e todas as suas consequências políticas e econômicas – carestia, açambarcamento, fome, mortes e revolta popular. É justamente no século XIX que esse problema é deslocado para a natureza pelos fisiocratas. O termo *Ecologia* não existia até Darwin (é Haeckel, em 1866, quem o cria a partir de Darwin), mas o que chamamos ecologia atualmente, com certo anacronismo, é o que Darwin chamou *economia natural* ou *economia da natureza*. Economia, Ecologia, Fisiologia e Política tornam-se o *enchevêtrement* do século XIX; o corpo é o palco dessa disputa biopolítica.

Os problemas da escassez de alimentos e da carestia tornaram-se grandes discussões dos séculos XVII e XVIII; estas são, somadas às epidemias, segundo Foucault (2008a), as condições de possibilidade para a atuação biopolítica dos Estados europeus no século XVIII. Foucault (2008a, p. 40) destaca a fala de um economista do século XVIII: “[a escassez] é a insuficiência atual de cereais necessária para fazer uma nação subsistir”. É nesse século que aparecem correntes econômicas, como a dos fisiocratas e a dos utilitaristas, que tentam produzir teorias sobre como os governos deveriam gerenciar problemas desse tipo.

De um modo mercantilista, no século XVII, quando um conjunto de regras jurídicas era imposto para venda, compra, importação, exportação e circulação dos cereais, passa-se para o embrião de um liberalismo – um *laissez-faire*, *laissez-aller*, *laissez-passer* – no século XVIII, período em que a relação escassez-carestia começa a ser concebida como um fenômeno que o governo deveria naturalizar em vez de tentar eliminar. É nesse pensamento liberal que a população aparece como alvo da atuação da governamentalidade. É também um *laissez-mourir*

para que outros subsistam. Não apenas a população é alvo de atuação política, mas também todo o espaço ou território – o meio.

A noção de “meio” aparece na Biologia a partir de Lamarck, mas já existia na Física newtoniana; na apropriação pela Economia, essa noção se torna necessária para explicar a ação à distância de um corpo sobre outro, é, portanto, o suporte e o elemento da circulação da ação (FOUCAULT, 2008a). A arquitetura do espaço urbano é doravante pensada para permitir a circulação de mercadorias, de pessoas, mas também das doenças: nasce aqui a intersecção da Medicina, da Economia e da Arquitetura, resumida na figura do médico sanitarista, aquele que organiza o território tendo como fundamento as características biológicas da população, uma espécie de embrião da Epidemiologia. Essa relação é nomeada por Foucault (2008a, 2008b) como biopoder, considerando ainda sua atuação política e biopolítica⁹. Os corpos passam a ser estudados e compreendidos dentro dessa racionalidade, que é menos biológica do que econômica.

A noção de economia adentra o estudo da Fisiologia, segundo Canguilhem (1977), pelo médico inglês Walter Charleton, em 1659, com a publicação de *Natural history of nutrition, life and voluntary motion containing all new discoveries of anatomy concerning economy of human nature*¹⁰, cuja tradução latina teve o título *Exercitaciones de Oeconomie Animalii*¹¹. Canguilhem (1977) defende que o termo autorizou a permuta de analogias, ampliando essa noção para *máquina animal*, como em Buffon e em Lavoisier, ou para *fábrica animal*, como em Hume. O conceito de “divisão fisiológica do trabalho” foi derivado de economia animal, no

⁹ Achille Mbembe (2016, p. 123) define biopoder em Foucault como “o domínio da vida sobre a qual o poder tomou controle”, o poder soberano de vida e morte sobre os corpos que consiste em “fazer viver” e “deixar morrer”. A partir do século XIX, a atuação de poder acontece não mais sobre os indivíduos, mas sobre a população; essa estratégia de atuação é o que Foucault denominou Biopolítica. É na mudança dos suplícios em praça pública para o encarceramento, entre o final do século XVIII e o começo do XIX, que Foucault localiza o nascimento dessa estratégia de gerenciamento dos corpos via população (a Biopolítica), que se expande para todo o território dos Estados nacionais europeus. Foucault trata especialmente da Biopolítica em dois de seus cursos no *Collège de France*: em *Segurança, Território, População* (de 1978) e *O nascimento da biopolítica* (de 1979). Um trecho interessante que intersecciona a Biologia e a sexualidade pode ser encontrado em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, publicado em 1976; embora o nome *biopolítica* não apareça, pode-se notar como o sexo, na interação Biologia e Economia, começa a ser uma estratégia de controle dos corpos via população: “O sexo não se julga apenas, administra-se. *Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão*; deve ser assumido por discursos analíticos. No século XVIII, o sexo se torna questão de “polícia” [...] *como majoração ordenada das forças coletivas e individuais* [...] Os Estados não se povoam conforme a progressão natural da propagação, mas em razão de sua indústria, de suas produções e das diferentes instituições” (p. 27-28, grifos meus). É a partir daí que o sexo se torna o cerne das questões políticas e econômicas da população e que aparecem as análises estatísticas: taxa de natalidade, idade de casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos, frequência de relações sexuais etc. (FOUCAULT, 2014c).

¹⁰ Em tradução minha: *História natural da nutrição, da vida e do movimento voluntário contendo todas as novas descobertas relacionadas à economia da natureza humana*.

¹¹ Em tradução minha: *Práticas de Economia Animal*.

início do século XIX, e, como destacado por Canguilhem (1977, p. 79), “é ambíguo de agenciamento técnico e de regulamentação de administração doméstica ou política”. O termo economia animal foi agregado, em Claude Bernard, ao termo *regulação*, atualmente enunciado por *homeostase*.

A diferença entre estado fisiológico e patológico, para Claude Bernard, era menos nítida do que como se concebe atualmente; o conceito de homeostase ou regulação, atribuído ao “importante fisiologista do século XIX” pelos clássicos livros de Fisiologia Humana, seria bem menos relativo a uma regulação fisiológica do estado normal do que à regulação entre aqueles dois estados:

Agora, quer seja a perturbação produzida por acidente ou de outra forma, o espírito observador precisa comparar bem. Não é, pois, necessário que um dos fatos seja considerado um distúrbio, especialmente porque não há distúrbios ou anormalidade na natureza; tudo acontece segundo leis absolutas, ou seja, sempre normais e determinadas. Os efeitos variam devido às condições em que se manifestam, mas as leis não variam. Os estados fisiológico e patológico são regidos pelas mesmas forças, e não se diferenciam, a não ser pelas condições particulares em que a lei vital se manifesta (BERNARD, 1865, p. 19, tradução minha).

Para Bernard, o método experimental da Fisiologia deveria ser igual ao método experimental das Ciências Físico-Químicas, no entanto, o que os diferenciava era o fato de os seres vivos – diferentes dos brutos – possuírem funções com determinismos harmonicamente hierárquicos. Seriam esses determinismos que dariam vida aos processos fisiológicos, “de tal sorte que os fenômenos fisiológicos complexos são constituídos por uma série de fenômenos muito simples que se determinam uns aos outros, em associação ou em combinação, a fim de produzir um objetivo comum” (BERNARD, 1865, p. 123, tradução minha). Ele continua:

Há aí [na atividade dos órgãos e estruturas] uma solidariedade orgânica ou social que mantém uma espécie de movimento perpétuo até que a perturbação ou cessação da ação de um elemento vital rompa o equilíbrio ou produza um distúrbio ou uma parada no jogo da máquina animal (BERNARD, 1865, p. 123, tradução minha).

Há dois aspectos importantes do corpo nesses trechos, que são justamente os que se desenvolvem no século XIX e que produzem o eucorpo: sua concepção como máquina (corpo mecânico) e cibernética (corpo autorregulado). No entanto, uma característica do pensamento de Bernard desaparece do pensamento fisiológico: a noção de que o estado patológico é uma variação do estado fisiológico, não se tratando de dois estados opostos, como é o pensamento que vigora atualmente nas Ciências Fisiológicas. Na seguinte passagem, essa ideia fica mais evidente: a noção de doença estaria mais relacionada a uma epistemologia da Economia Natural do que da própria Fisiologia.

Em medicina, pode-se também elevar-se às generalidades mais abstratas, seja colocando-se do ponto de vista do naturalista, que olha para as doenças como espécies mórbidas e trata de definir e classificar nosologicamente, ou, partindo do ponto de vista fisiológico, considera-se que a doença não existe no sentido de que seria apenas um caso particular do estado fisiológico (BERNARD, 1865, p. 128, tradução minha).

É interessante, para não dizer intrigante, que Claude Bernard seja lembrado nos livros atuais de Fisiologia como “o grande fisiologista do século XIX” por ter “descoberto” o mecanismo da homeostase – mecanismo este que, enunciado a partir do século XX, pouco tem a ver com a concepção que ele defendia no século XIX e, com efeito, produziu a doença como condição oposta àquela do estado fisiológico. O eucorpo é simbolicamente o representante desse estado fisiológico, de um corpo economicamente eficiente (sadio, bom e belo); o diferente disso torna-se abjeto, doentio, feio.

Como seria a concepção da relação saúde-doença atual a partir da concepção de Bernard? Não é possível responder a essa pergunta, uma vez que a concepção do fisiologista foi discursivamente apagada do pensamento fisiológico, mas sem dúvida seria completamente diferente do conceito inatingível definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como estado completo de bem-estar físico, mental e social – ou, em termos da racionalidade eucórpica: um estado de completa eficiência produtiva e sexual. Trata-se de uma definição bastante contrastante com a concepção de Bernard, uma vez que as doenças são nosologicamente classificadas e categorizadas, como revela a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). Ademais, quando se comparam a CID-10 (de 1989) e a CID-11 (de 2022, ainda não publicada oficialmente), o número de doenças catalogadas passa de 14 mil para 55 mil (OMS, 2019) – um aumento de 3,93 vezes, ou seja, de quase 400%. A CID-9 (de 1975) continha 1178 categorias de doenças, a CID-10, 2032 (LAURENTI, 1991; LAURENTI *et al.*, 2013). Não há ainda um número de categorias para a CID-11. Moulin (2018) definiu o século XX como “o século da medicalização”; doravante as doenças se tornaram as grandes *commodities* da “economia animal” eucórpica concebida.

A Fisiologia do século XIX se torna a “fisiologia do uso dos corpos”, evidente já no título de alguns artigos, a exemplo de *Observações acerca da respiração e o uso do sangue*¹² (Joseph Priestley, 1776) e *Sobre a estrutura e o uso do ligamento redondo do útero com observações a respeito da mudança que ocorre no útero durante a gestação*¹³ (G. Rainey, 1850, grifos meus).

¹² *Observations on respiration, and the use of blood.*

¹³ *On the structure and use of the Ligmentum Rotundun Uteri with some observations upon the change which takes place in the structure of the uterus during utero-gestatio.*

O trabalho de Priestley revela uma mudança na concepção dos corpos na transição do século XVIII para o XIX. Embora parta de observações sobre a respiração, seu foco está no *uso do sangue*. A palavra *uso* adquire sentido no pressuposto da economia animal, mais evidente na conclusão de seu artigo. Ele escreve: “O uso principal do sangue parece ser seu poder de receber e descarregar flogisto [oxigênio] e o grau com que processa seu poder é facilmente verificado a olho nu; [com efeito] talvez não seja indigno de ser restrito ao conhecimento médico” (PRIESTLEY, 1776, p. 247-8; tradução minha, grifo meu). *Uso* é nitidamente controle e poder, ou, como prefere Canguilhem, iatrocracia¹⁴. Priestley inicia seu artigo fazendo uma espécie de estado da arte das pesquisas sobre a respiração, parte das explicações do ar como contendo um “espírito” (como algo externo ao corpo e inexplicável) que dá vida aos corpos até relacioná-lo com as características do flogisto (atualmente o gás oxigênio).

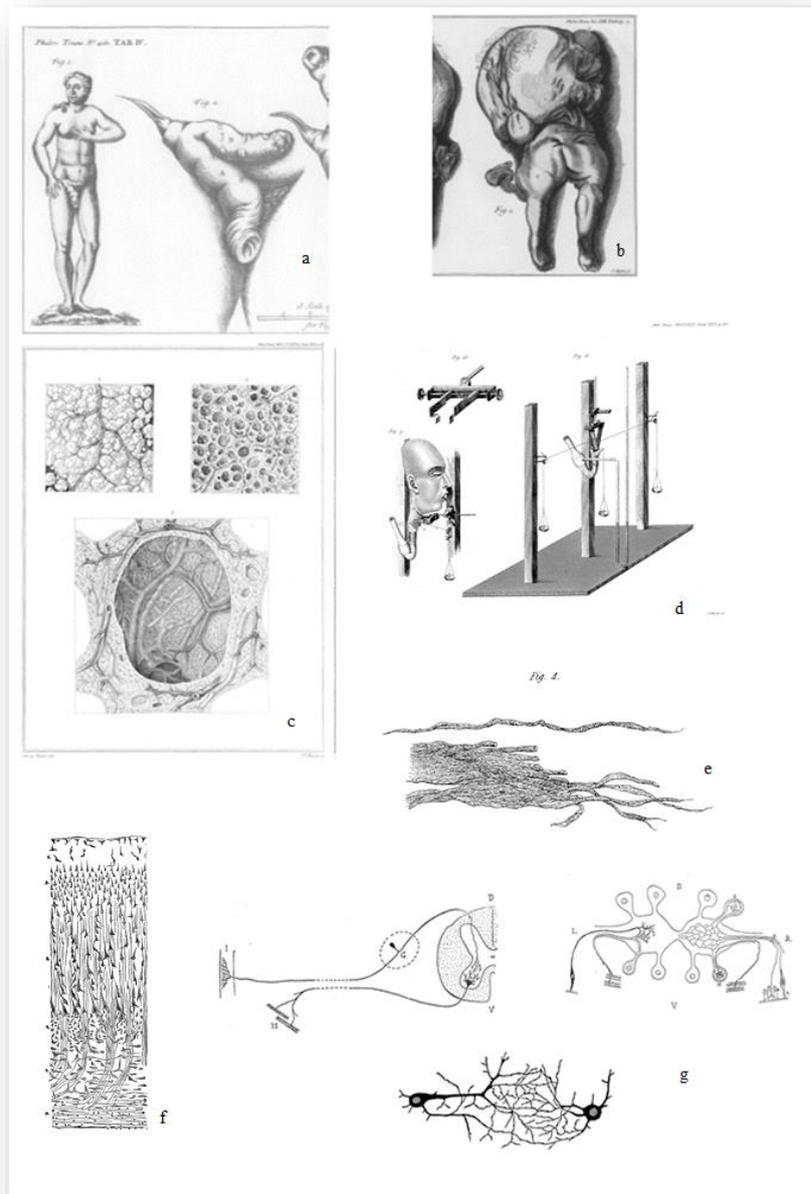
Sobre o “uso dos corpos” no século XIX, tomemos um exemplo descrito por Paul Gilroy (2017), em seu livro *O Atlântico negro*, como forma de entender os efeitos desse tipo de racionalidade, tanto pelo uso em si dos corpos quanto pela produção sub-reptícia do que é o eucorpo pela enunciação e produção daquilo que não o é, ou seja, pela invenção da animalidade. O que seria a doença *drapetomania* ou *dysaesthesia Aetheopsis*, descrita no século XIX como “o desejo dos escravizados de fugir da escravidão” (GILROY, 2017, p. 68), senão efeito e, ao mesmo tempo, reprodução dessa racionalidade? Por exemplo, para o tratamento dessa doença, o médico estadunidense J. Marion Sims “aperfeiçoava” procedimentos ginecológicos – legitimados por discursos “científicos” – em mulheres que mantinha em servidão (GILROY, 2017).

Voltemos agora ao século XVIII. É nele que Foucault (2008a, 2008b) localiza o nascimento da Biopolítica, uma estratégia política de gerenciamento e controle dos corpos por meio da população e de suas características biológicas, como nascimento, mortalidade, fecundidade, reprodução. Dos artigos selecionados do período, dois apresentavam imagens sobre o corpo como objeto de pesquisa (Figura 2a, 2b). Destacam-se alguns elementos nas pesquisas desse século em comparação às pesquisas do século seguinte. Enquanto nos textos, evidenciados pelas figuras, há ainda certa corporeidade, no século seguinte o corpo vai se transformando em partes. Canguilhem (1977, 2009) atribui essa mudança à internalização do olhar médico. A teoria celular, concebida em 1830, corroborou, como condição de possibilidade, o nascimento da disciplina Histologia (Figuras 2c, 2e, 2f), que é, ao mesmo tempo, efeito e tributária da racionalidade eucórpica e de suas técnicas. Muitas das técnicas

¹⁴ Como sufixo, *-iatro* aparece nas seguintes especialidades médicas: **Pediatria**, **Psiquiatria**, **Fisiatria**, **Geriatría**. Para compreender seu efeito iatrocrático, comparemos com outras áreas cujos prefixos são os mesmos, respectivamente: Pedagogia, Psicologia, Fisioterapia e Gerontologia. O primeiro par disputa a autoridade do conhecimento relativo às crianças; o segundo, à psique; o terceiro, à cinesiologia do corpo; e o quarto, ao envelhecimento.

diagnósticas atuais de visualização dos corpos e de suas estruturas internas de que falava Donna Haraway provêm daí. O eucorpo se transforma naquele tecnomonstro que fode com o mundo.

Figura 2: Série genealógica das pesquisas anatômicas e fisiológicas sobre o corpo, artigos encontrados entre 1700 e 1900



Fonte: (a) Monsieur LE CAT; T.S. (1740); (b) Claude Nicholas LE CAT; Michael UNDERWOOD, (1767); (c) Everard HOME; F. BAUER (1827); (d) John BISHOP (1846); (e) G. RAINEY (1850); (f) THE AMERICAN NATURALIST (1886); (g) G. H. PARKER (1900).

Ao longo do século XIX, o corpo foi se transformando em peças de uma engrenagem (tornando-se paulatinamente um agregado de células, tecidos e órgãos regidos por leis físicas e químicas), e a própria Fisiologia foi passando de uma Anatomia Experimental para uma Fisiologia Experimental: de partes do corpo dissecadas e impostas a testes, passou-se para procedimentos experimentais que investigavam os processos como peças de uma engrenagem maquinária – investigavam-se menos as peças do que a máquina; era a máquina (leia-se corpo) que importava, com o objetivo de calcular a sua eficiência.

Na Figura 2d destaca-se o humano como máquina, cujo objetivo é a eficiência na produção da voz; antes do experimento representado na figura, o autor havia apresentado e descrito a anatomia do “aparelho vocal humano”. A representação da máquina eficiente é evidente pela enunciação da fórmula matemática que descreve o número de vibrações (N) das pregas vocais em um segundo: $N = \frac{\sqrt{2gP}}{2l\sqrt{ab\delta}}$, na qual g é a gravidade, P é a força com que a prega é alongada, l é o comprimento da corda, a é sua profundidade, b é sua largura e δ é sua gravidade específica. O autor conclui que os ligamentos tíreo-aritenoides, em repouso, nas mulheres têm “exatas” 0,49868 polegadas e, nos homens, 0,72834; na tensão máxima, em mulheres e homens, têm, respectivamente, 0,61679 e 0,912070 polegadas. Além dos cálculos de eficiência (o uso da voz), há também uma nítida divisão fisiológica entre os sexos – o que implica “divisão fisiológica do trabalho”. Não é diferente hoje: em qualquer livro de Fisiologia, serão encontradas fórmulas matemáticas que determinam a eficiência de uma estrutura ou órgão, seja, por exemplo, na Equação de Poiseuille, $F = \frac{\pi\Delta P r^4}{8\eta l}$, que descreve a eficiência do fluxo sanguíneo nos vasos, ou no cálculo da resistência dos vasos sanguíneos, em série ou em paralelo, que seguem, por exemplo, as Leis de Ohm (GUYTON; HALL, 2006, p. 168). A Figura 2g apresenta o corpo mecânico configurado então como mecanicamente cibernético. A Fisiologia (o funcionamento) é dependente da Anatomia (das partes/peças do corpo).

É no último terço do século XIX que surge ainda outro objeto de investigação científica, a mente ou a psique, no entanto, já epistemologicamente concebida dentro de um corpo mecânico-cibernético (o eucorpo). Nasce também a disciplina Psicologia, que, sobretudo ao longo do século XIX, mas também do XX (e talvez até hoje), precisava lutar para ter o status de ciência. Isso só seria possível se suas pesquisas e seus resultados tivessem como referencial o eucorpo, ou seja, os conhecimentos de Anatomia e de Fisiologia.

Em 1899, Hugo Münsterberg publica o artigo *The physiological basis of mental life* na revista *Science*. Antes da publicação, o artigo foi “lido diante de uma junta da Associação de Psicologia e da Sociedade de Fisiologia”, diz uma nota publicada no artigo. Trata-se de uma nítida ação coercitiva e constrangedora para a Psicologia com o intuito de materializar anátomo-fisiologicamente os aspectos psíquicos. No artigo, Münsterberg discute, a partir do que ele chamou Psicofísica, a relação entre os aspectos psíquicos e a Anátomo-Fisiologia; segundo ele,

era justamente esse paralelo que faltava para explicar o conteúdo de consciência do cérebro. Dessa forma, a Psicologia não poderia prescindir da Fisiologia porque correria o risco de não ser ciência, e “o psicólogo que postular completo paralelismo [entre elementos psíquicos e Fisiologia] tem o direito de exigir que o fisiologista mostre o processo correspondente” (MÜNSTERBERG, 1899, p. 444). Pura retórica – no caso, o fisiologista é ele mesmo.

Não obstante as Ciências Biológicas terem materializado todos os processos dos seres vivos em explicações anátomo-fisiológicas, é Freud, na passagem do século XIX para o XX, quem mostra que a Fisiologia pode prescindir da Anatomia (FREUD, 2001 [1923])¹⁵. O que Freud chama de sistema- Ψ (*psi*) rompe parcialmente com a lógica eucórpica, pois, embora seja descrito fisiologicamente, não há uma localização anatômica desse sistema. O psiquismo mantém-se como engrenagem, mas, com efeito, Freud coloca uma questão para a razão eucórpica: seriam os fatos anatômicos tergiversações dos fatos fisiológicos? Essa pergunta produz inevitavelmente outra: seriam os fatos fisiológicos tergiversações dos fatos psíquicos? Isso tornaria os fatos anatômicos tergiversações das tergiversações dos fatos psíquicos.

2.2 Possibilidades de rompimento com a racionalidade eucórpica: a Covid-19 e o TDAH

Em setembro de 2020, a revista médica *The Lancet* publicou uma edição especial sobre a Covid-19; nela, o pesquisador Richard Horton fez um alerta sobre considerar a covid-19 uma pandemia, propondo enxergar a crise sanitária como sindemia¹⁶. A noção de pandemia concentra um esforço unicamente biomédico para compreender o conjunto de fatores envolvidos na Covid-19 e pensar estratégias e abordagens de contenção e tratamento. Horton (2020, p. 847) afirma que “não importa o quão efetivos sejam o tratamento e a proteção causados pela vacina, se a busca para uma solução para a covid-19 for meramente biomédica, ela fracassará”. A noção de sindemia convoca as Ciências Humanas ao estudo e à explicação sobre os corpos.

Singer *et al.* (2017) destacam o enfretamento de duas sindemias, a VIDDA (*violence, immigration, depression, type 2 diabetes, and abuse*), especialmente relacionada às condições de imigrantes mexicanas nos EUA, e a SAVA (*substance abuse, violence, and aids*), com maior prevalência entre homens que fazem sexo com homens, mas não restrita a eles. O que há em comum entre essas duas sindemias são as diversas condições que ultrapassam os aspectos biomédicos, como pobreza, desemprego, falta de moradia, adensamento populacional,

¹⁵ A primeira edição de *A interpretação dos sonhos* data de 1909, e a oitava (e última revista por Freud), de 1923.

¹⁶ Pandemia diz respeito a uma doença que atingiu impacto no globo terrestre todo, como foi o caso da Covid-19. Sindemia é um conceito da Antropologia Médica que considera as variáveis sociais e econômicas na condição nosológica da doença. A sindemia pode ter caráter global, como defende Horton (2020) sobre a Covid-19, ou local, como defendem Singer *et al.* (2017) sobre a VIDDA e a SAVA. Note-se a seguir no texto que, na descrição dessas duas sindemias, destacam-se menos as características biológicas e mais as condições sociais e econômicas.

desnutrição, deterioração de redes sociais de apoio, inequidades sociais e étnicas – mesmas condições de precariedade de certos corpos que tornaram a covid-19 uma situação de difícil administração.

É justamente o que Léo-Neto e Fernandez (2022) denunciam, comparando os impactos da covid-19 nos corpos pretos e nos corpos brancos. Os autores relembram que a narrativa que vigorou acerca da covid-19, no começo da “pandemia”, era de que se tratava de uma doença democrática, mas que chegou ao Brasil proveniente de uma classe média alta e afetou drasticamente sobretudo pessoas de classes sociais menos favorecidas, revelando que certos grupos sociais tinham de fato maior vulnerabilidade (LÉO-NETO; FERNANDEZ, 2022). No entanto, a covid-19 equalizou as vidas que importavam; o confinamento foi um privilégio daqueles que não eram imunes ao vírus, mas às desigualdades sociais (GARCIA-SEVERINO, 2021). O que Léo-Neto e Fernandez (2022) confirmam é o fato de o gerenciamento da crise sanitária (pelo menos no Brasil, segundo seus dados) ter sido unicamente biomédico, de modo que as diferenças espaço-temporais da letalidade da covid-19 tiveram bases nas desigualdades sociais, econômicas, culturais e estruturais – exatamente o que Richard Horton denuncia na diferença entre a assunção da crise sanitária como pandemia em vez de sindemia. Essa diferença se pauta na racionalidade eucórpica, cujo fundamento é unicamente o biológico, tomado como prerrogativa biopolítica para os corpos que são eficientes produtiva e sexualmente (que importam) e prerrogativa necropolítica para aqueles que não são (que não importam) – o *laissez-mourir*.

Essa discussão é antiga: Frantz Fanon já havia enfatizado, em *Condenados da terra*, a diferença entre os espaços ocupados pelos colonizadores e aqueles ocupados pelos colonizados, em pleno processo de descolonização do século XX. A diferença entre a ocupação dos territórios por diferentes corpos é geopolítica; o que a covid-19 fez, no século XXI, foi evidenciar (embora nem tanto pelos discursos que tiveram mais condição de circular) o que Fanon já havia dito. Troquemos as palavras “colonizados” e “colonizadores” no trecho de Fanon por, respectivamente, “corpos pretos” e “corpos brancos”, como denunciam Léo-Neto e Fernandez (2022), ou por “não privilegiados pela possibilidade de confinamento” e “privilegiados”, como enunciado por Garcia-Severino (2021).

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Estas duas zonas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio da exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais (FANON, 1968, p. 28).

Quando analisamos o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), vemos basicamente duas abordagens, uma predominante, a da medicalização, bastante eucórpica, e outra bem menos difundida, que relaciona as “sindemias” de TDAH às condições promovidas pelas redes sociais e pela internet. A primeira “resolve” o problema mantendo as pessoas

dependentes de medicamentos para que possam continuar inseridas socialmente, sem considerar as variáveis sociais que tiveram como consequência o conjunto de sintomas descritos e relacionados ao TDAH.

Joseph Knobel Freud (2014) defende que o TDAH é menos um transtorno do que uma invenção e que as características do TDAH poderiam descrever a infância:

[...] é verdade que as crianças com mais de cinco ou seis anos já não teriam que ser tão impulsivas e deveriam se concentrar nas tarefas que realizam. Mas o problema não tem uma origem cerebral. São agitadas, dispersas e impulsivas porque vivemos numa sociedade agitada, dispersa e impulsiva. Uma sociedade de ritmo acelerado onde as crianças levam uma vida agitada e estão hiperestimuladas (televisão, internet, jogos eletrônicos) (FREUD, J. K., 2014, p. 56).

É nessa mesma linha argumentativa que Maryanne Wolf (2019) defende a mudança no cérebro das pessoas em um mundo digital. Para a pesquisadora, a leitura é um dos eventos epigenéticos de maior transformação no cérebro humano. A leitura no mundo digital, diferente da leitura em meio analógico, implica um conjunto de distrações que demandam do cérebro constantes adaptações para diferentes focos de atenção: “os seres humanos são incapazes de passar de um foco de atenção a outro sem consideráveis ‘custos cerebrais’ (isto é, para sua capacidade de processar qualquer coisa em profundidade)” (p. 133). Para a autora, os quadros de déficit de atenção são ambientalmente produzidos e devidos ao controle incessante e obsessivo das distrações digitais.

A Fisiologia nos permite entender o que acontece com nossos cérebros nessa situação. De acordo com Guyton e Hall (2006), dois circuitos neurológicos coordenam o foco e a atenção, o circuito orientador e o executivo. O primeiro, localizado no córtex do lobo parietal, associado ao colículo superior e ao tálamo, é ativado quando um estímulo chama a nossa atenção e desviamos o foco para ele, tornando-o dominante. Assim que o foco da atenção é deslocado, o segundo circuito passa a ser atuante, localizado no giro do cíngulo do córtex frontal. Esse sistema modula o comportamento de acordo com as demandas cognitivas, emocionais e sociais, e diz respeito à aprendizagem consciente, bastante vinculada à empatia.

Wolf (2019), baseada em seus próprios dados, corroborados pelos trabalhos do neurocientista Stanford Russel Poldrack, conclui que há diferenças significativas nos sistemas inibidores pré-frontais em crianças diagnosticadas com déficit de atenção (justamente o sistema neural exigido para o gerenciamento de multitarefas): “as crianças diagnosticadas com déficit de atenção eram menos capazes de focar a atenção numa única tarefa porque não conseguiam parar de dar atenção a todas as demais” (p. 133).

Bernhardt e Singer (2012), que estudaram as bases neurais da empatia, a definem como “um estado emocional e motivacional caracterizado pelo desejo de ajudar e promover o bem-estar de outrem” (p. 3). Eles revelam que não há anatomicamente uma região destinada à elaboração fisiológica da empatia, mas que se trata de um conjunto de redes neurais que se estabelecem incluindo regiões como ínsula, córtex cingulado, cerebelo, áreas motoras e áreas somatossensoriais. Maryanne Wolf identificou as mesmas áreas acionadas na leitura profunda (com foco), diferente do que ocorre com a leitura em meios digitais, que, devido à grande quantidade de distrações, acionam menos redes neurais. A autora diferencia a leitura profunda da leitura superficial pelo fato de a segunda causar menos empatia, ou seja, a leitura profunda acionaria e interseccionaria redes neurais ligadas a diversas emoções e atividades motoras, praticamente da mesma forma que a experiência real, diferente da leitura superficial. A falta de “paciência cognitiva” devida ao aceleração promovido pelo meio digital implicaria redução do pensamento crítico e analítico. É justamente o mecanismo da empatia promovido pela leitura profunda que permite ao leitor acumular conhecimento de fundo para compreender tanto os textos quanto o mundo em que vive. A autora conclui que pior que a redução da capacidade analítica e crítica proveniente da diminuição da capacidade humana da leitura profunda é a tendência que a falta de empatia tem de tornar a sociedade mais brutalizada.

No entanto, focar exclusivamente nesse mecanismo fisiológico prescrevendo remédios, sem considerar as variáveis que de fato estão envolvidas e que implicariam uma abordagem melhor e mais eficiente no tratamento, é um exemplo de racionalidade eucórpica, uma vez que somente o fator biológico seria considerado. Além disso, o remédio funcionaria como instrumento que tencionaria retomar a eficiência produtiva e sexual daqueles que a perderam.

3. Considerações finais

Com este artigo, pretendi apresentar uma crítica da razão eucórpica como forma de dar possibilidade de existência para diversos corpos. Essa racionalidade concebe os diferentes corpos a partir de um corpo metafísico, embora anátomo-fisiologicamente descrito e produzido cientificamente, como parâmetro de inteligibilidade para dar significado às diversas experiências e existências corporais. Ela também negligencia – ou mesmo desconsidera tacitamente – diversos outros aspectos do corpo, contribuindo para que se destituam dele o lúdico, o afetivo, o ético, o espiritual, o social e o cultural, em detrimento de uma racionalização biológica tributária da Economia.

Infelizmente, o corpo no currículo das Ciências Biológicas é extremamente eucórpico, ou seja, muito diferente dos corpos tanto dos alunos quanto dos professores. Por conta disso, minha intenção neste texto foi abrir possibilidades para romper os limites do pensamento eucórpico, de modo que o corpo como objeto científico e os corpos que vivem no mundo possam ganhar novas nuances de olhar. Enquanto os corpos têm diversas camadas sobrepostas e interseccionadas – incluindo o biológico –, o eucorpo produz unicamente significado por meio

do biológico. É essa discrepância que precisa ser evidenciada nos currículos. A abordagem genealógica coloca em destaque os discursos, que, ao longo da história, foram solapados por outros que tiveram maior *fitness econômico*¹⁷.

Os currículos dos ensinos fundamental e médio precisam ser revistos, assim como os do ensino superior. Não se trata de ignorar os conhecimentos produzidos pelas Ciências Biomédicas, mas sim de fazê-los dialogar com a quantidade de conhecimentos produzidos pelas Ciências Humanas, que servem não apenas para questionamentos e críticas, mas também como complementos para compreender os corpos e suas experiências.

Autoras e autores queer (como Judith Butler, Guacira Louro, Paul Preciado), autoras e autores pretos (como Angela Davis, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Paul Gilroy), autoras e autoras diaspóricas e decoloniais (como Stuart Hall, Maria Lugones, Frantz Fanon), entre tantos outros, produziram uma infinidade de discussões que interseccionam o corpo biológico com as sexualidades, as questões raciais, de classe e do colonialismo. Não há como estudar e compreender o corpo sem essa intersecção. Não há como lidarmos com o conjunto de sistemas de opressão interseccional – racismo, sexismo, heteronormatividade, classismo, etarismo, xenofobia, entre outros – apenas lançando mão do conhecimento biológico. É função moral, ética e científica das escolas e universidades tratar dessas questões. É inadmissível um currículo das Ciências Biológicas que ainda (em pleno século XXI, depois dos movimentos negros, indígenas, LGBTQIA+ e feministas terem lutado dezenas e centenas de anos) não considera a variedade de corpos, de experiências e de subjetividades em detrimento de uma elaboração fundada unicamente no biológico com padrão de inteligibilidade. Não é possível que a Biologia ainda reproduza o discurso de que homens não menstruam – quão agressivo é esse enunciado para a experiência de homens trans? Como questionou Donna Haraway, que possibilidade de existência e de experiência futura esses corpos têm dentro dessa lógica? Qual a responsabilidade de professores e professoras de Biologia na propagação desse tipo de discurso?

O próprio conhecimento biológico que concebemos, estudamos e reproduzimos é resultado de lutas, de apagamentos, de silenciamentos, atravessados por interesses políticos, econômicos e sociais, conforme tentei demonstrar minimamente neste artigo a partir da pesquisa genealógica. Cabe nos questionarmos se nos manteremos cúmplices ou tentaremos nos deslocar do lugar confortável de autoridade das Ciências Biológicas para dar perspectiva de futuro a diversos corpos – cotidianamente destituídos de suas subjetividades, tornados abjetos, explorados, assassinados, a exemplo dos corpos femininos, dos corpos pretos, dos

¹⁷ O uso que faço de *fitness econômico* está pautado no sentido darwiniano (de *fitness* como aptidão), mas aqui relativo aos discursos que circulam (ou com possibilidade de). Numa “seleção natural” dos discursos, seriam mais “aptos” aqueles com maior capital simbólico, material e científico, o que lhes permite maior possibilidade de produzir e reproduzir seus enunciados, reduzindo ou até eliminando, de certa forma, o poder ou a capacidade (o *fitness*) dos outros.

corpos indígenas, dos corpos de pessoas trans e travestis, dos corpos de gays e de lésbicas, e caberia aqui um longo “et cetera”.

Referências

- BACHELARD, Gastón. **A formação do espírito científico**. Contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BEEKS, Robert. **Etymological dictionary of greek**. Leiden: Brill, 2010, 885 p.
- BERNARD, Claude. **Introduction à l'étude de la médecine expérimentale**. Paris: J. B. Baillièrre et Fills, 1865.
- BERNHARDT, Boris C., SINGER, Tania. The neural basis of empathy. **Annu. Rev. Neurosci.** v. 35, p. 1-23, 2012.
- BISHOP, John. On the Physiology of the Human Voice. **Philosophical Transactions**, v. 136, 1846, p. 551-571.
- BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm . Acesso em: 7 jan. 2018.
- CANGUILHEM, Georges. **Ideologia e racionalidade nas Ciências da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009, 154 p.
- CHIARELLO, Maurício. Sobre o nascimento da ciência moderna: estudo iconográfico das lições de anatomia de Mondino a Vesalius. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 9, n. 2, 2011, p. 291-317.
- COLLECTIONS DES UNIVERSITÉS DE FRANCE. **Platon, œuvres complètes**. Tome XIV. Lexique de la langue philosophique et religieuse de Platon. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- CORAZZA, Sandra. **Para uma filosofia do inferno na educação**. Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Belo Horizonte: Autêntica. 2002. 104 p.
- CUVIER, Georges. EXTRAIT D'OBSERVATIONS. Faites sur le cadavre d'une femme connue à Paris et à Londres sous le nom de Vénus Hottentotte. **Memoires du Muséum d'Histoire Naturelle**. Paris, Tomo terceiro, 1817, p. 259-274.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. 3. ed. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Villa Rica Edições, 1994 [1859]. 352 p.
- DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, 2008, 2009, 2010.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 275 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLAESCHEN, Hara. **Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica**. In: Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/>. Acesso em: set./ 2023.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso no *Collège de France* (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso no *Collège de France* (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2014c.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Edição comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Joseph Knobel. Sobre o TDAH: transtorno ou invenção? **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 66, n. 1, p. 54-57, 2014.

GARCIA-SEVERINO, Fulvio C. Breve ensaio sobre o silêncio. **Cadernos da pedagogia**. v. 15, n. 32, 2021, p. 139-150.

GARCIA-SEVERINO, Fulvio C. **Genealogia dos corpos e a crítica da razão eucórpica**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2022.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E. **Textbook of medical physiology**. 11. ed. Philadelphia, Pennsylvania: Elsevier Inc., 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. v. 5, p. 7-41, 1995.

HOME, Everard; BAUER, F. An examination into the structure of the cells of the human lungs; with a view to ascertain the office they perform in respiration. **Philosophical Transactions**, v. 117, 1827, P. 58-64.

HORTON, Richard. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The Lancet**, v. 396, 874 p., set./2020.

LAURENTI, Ruy. Novos aspectos da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, v. 25, p. 407-417, 1991.

LAURENTI, Ruy et al. A classificação internacional de doenças, a família de classificações internacionais, a CID-11 e a síndrome pós-poliomielite. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, São Paulo, v. 71, n. 9a., 2013.

LEAL, Maria do Carmo; GAMA, Silvana G. Nogueira da; PEREIRA, Ana Paula E.; PACHECO, Vanessa Eufrazino; CARMO, Cleber Nascimento do; SANTOS, Ricardo Ventura. A dor da cor: inequidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. 33, Sup. 1: e00078816, 2017.

LE CAT; T.S. Two medico-surgical observations, by monsieur le cat: communicated in a letter to Mr. Serjeant Amyand, Dated at Rouen. **Philosophical Transactions**, v. 41, 1740, p. 712-724.

LE CAT, Claude Nicholas; UNDERWOOD Michael. A Monstrous Human Foetus, Having Neither Head, Heart, Lungs, Stomach, Spleen, Pancreas, Liver, nor Kidnies. **Philosophical Transactions**, v. 57, 1767, p. 1-20.

LÉO-NETO, Nivaldo A.; FERNANDEZ, Kelly M. Saberes das lutas antirracistas sobre saúde e o novo coronavírus na formação docente. **Revista de Ensino de Biologia da SBEEnBio**. v. 15, nesp. 2, p. 531-549, 2022.

LOURO, Guacira L. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**. n. 32, dezembro, 2016, p. 122-151.

MALTHUS, Thomas. Ensaio sobre a população. In: MALTHUS, Thomas. **Os economistas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996 [1798]. p. 233-378.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBAIN, A; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo 3**. As mutações do olhar. O século XX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 15-83.

MÜNSTERBERG, Hugo. The physiological basis of mental life. **Science**. v. 9, n. 221, p. 442-447, 1899.

NABAIS, João-Maria. Rembrandt - o quadro A lição de Anatomia do Dr. Tulp e a sua busca incessante pelo conhecimento. **Revista da Faculdade de Letras; Ciência e Técnicas do patrimônio**. Porto (Portugal), Série I, v. VII-VIII, 2008-2009, p. 279-296.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral**. Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PARKER, G. H. The neurone theory in the light of recent discoveries. **The American Naturalist**, v. 34, n. 402, 1900, p. 457-470.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2017 [427-347 a.C.], 176 p.

PRIESTLEY, Joseph. Observations on respiration, and the use of the blood. **Philosophical Transactions**. v. 66, p. 226-248, 1776.

RAINEY, G. On the structure and use of the ligamentum rotundum uteri, with some observations upon the change which takes place in the structure of the uterus during utero-gestatio. **Philosophical Transactions**. v. 140, p. 515-520, 1850.

ROSLER, Roberto; YOUNG, Pablo. La lección de anatomía del doctor Nicolaes Tulp: el comienzo de una utopía médica. **Rev. Med. Chile**, v. 139, p. 535-541, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos e identidades**. Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 156 p.

SILVÉRIO, Valter R.; SOUZA, KA; VIEIRA, PAS; RODRIGUES, TC; MOYA, TS. Relações étnico-raciais. In: MISKOLCI, Richard. (org.) **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: Edufscar, 2014.

SINGER, Merrill; BULLED, Nicola; OSTRACH, Bayla; MENDENHALL, Emily. Syndemics and the biosocial conception of health. **The Lancet**. Series, v. 389, Mar 4, p. 941-950, 2017.

THE AMERICAN NATURALIST. Psychology. **The American Naturalist**. v. 20, n. 5, 1886, p. 474-479.

VENCATO, A. P. Diferenças na escola. In: MISKOLCI, Richard; LEITE-JR., Jorge. (org.) **Diferenças na educação: outros aprendizados**. Secadi/MEC, EdUFSCar. São Carlos. 2014.

WHO. WORLD HEALTH ORGANISATION. **History of the development of the ICD**. 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/icd11refguide/en/index.html#1.7HistoryofthedevelopmentofICD/history-of-the-development-of-the-icd|c1-7> . Acesso em: 16 out. 2019.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Contexto, 2019. 256 p.

Recebido em março de 2023.

Aprovado em setembro de 2023.

Revisão textual realizada por: Lara Padilha e Letícia Clares
E-mail: lararevisoes@gmail.com e entrelinhascia@gmail.com